

Belo Horizonte
Escola de Belas-Artes da UFMG
2013/02

José Messias Rodrigues

fome substantiva

corpo, desenho e palavras sublinhados

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),
apresentado ao Colegiado de Graduação em
Artes Visuais da Escola de Belas Artes da
Universidade Federal de Minas Gerais, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Artes Visuais

Habilitação: Artes Gráficas

Orientador: Prof. : Amir Brito

Sumário

Pequena introdução	V
Trabalho de parto	VII
Anexo A (trabalho <i>Solitária</i> , 2012)	VIII
Picamalácia + Bulimia	IX
Anexo B (<i>idem</i>)	X
Desequilíbrio hormonal	XI
Caixa	XII
Anexo C (trabalho <i>Boca: Extensão</i> , 2011)	XIV
Fome: fonte	XVII
Metamorfo	XXI
Anexo D (trabalho <i>Palavra Certa</i> , 2012).....	
Pequena Trindade	XXIII
Festa interior	XXXI
Anexo E (referências iconográficas)	XXXIV
Bibliografia	XXXVII

Pequena Introdução (assim como uma boca)

No decorrer do meu processo produtivo e criativo, cada trabalho, mesmo quando ainda não são mais do que ideias, vai cada qual mostrando necessidades que nomeio genericamente de fome. E quanto a mim, que também carrego deste tipo de fome, me deparo com esta possibilidade de um encaixe entre as duas: a da ideia de consubstanciar-se e a minha de fazer possível tal demanda.

Sobretudo, esta fome tem a função de diálogo, que vai melhorando, à medida que a ideia da vez, me permite ver em seu desvelamento, aspectos mais específicos da natureza que ela deseja. Por isso que para mim, não há técnica e nem ou material de antemão.

Adiante, esse diálogo desenvolve-se no sentido de aceitar outras vozes externas, é aí que os materiais entram na conversa. Geralmente, por último, a técnica vem para completar a comunhão, para que enfim a ideia ganhe um corpo e se possível vida. Cada trabalho, mesmo após saciarem a fome de corpo, continuam famintos por algo mais, um nome. Quanto aos meus trabalhos, sinto que lhe caracterizam já em sua gênese, quando orbitam naquela já

dita indefinição do que querem, uma atração considerável pelos substantivos, verbos, vogais, etc.,

Dito isso, ocorre de um título nunca ser suficiente para um desenho, em sua fome de nome o trabalho que vai caminhando para fora de mim, galgando independência, insiste em querer também uma história imediata. Com isso, não há de minha parte a busca de ilustrar, mas simplesmente de fazer continuar.

Os textos que seguem são, contudo, a continuidade de muitos trabalhos juntos, e consistem nas vozes dos desenhos impressos, colados, costurados, e como e de natureza das vozes: apesar da origem no corpo, lançadas, assumem breve, mas devida liberdade daquele.

Trabalho de parto

Cada trabalho dela era um filho. Por isso o corpo dela é tão importante, porque produzindo, de certo modo, ela se sente, incondicionalmente, voltada para si mesma; a todo o momento, como que querendo antever a entidade no seu lócus embrionário. Neste contexto, parte dela o bastante, e se fecha e a faz isoladamente.

A espera por sua vez é quase interminável, pois, quase nem se põe um rebento, logo está reiniciada a espera de outro. E cada filho é um pedaço que lhe escapa, mas cujo vazio deixado, tende muito mais a somar no todo que ela é. A situação é toda compatível com um sofrimento que em sua largura considerável, promete em dado ponto de sua coordenada, guardar uma minúscula fração de prazer, um êxtase, próprio do mártir dedicado. Esta empreitada tem um movimento que á põe um pouco mais em si, ela se religa de modo, intensamente profundo, a si mesma. Sentindo que tudo que precisa então, deve assim estar consigo.

Se cozinha, sobretudo, é para alimentar tudo o que ela vem a ser. Se contar alguma história, o próximo passo seria

recuperar, parte por parte, do que emite, pois, cada palavra corresponde um tanto absurdo de dela, cada uma um dado do código presente na senha do refúgio em que nela se encontra.

Estando ela cercada aí por três formas de solidão: já que também tem detida todas as manifestações do tempo, corrente ou estacionado nas vísceras. Enquanto espera a próxima criatura, três fomes a abatem: a dela própria, a do filho, e a maior de todas que se faz com todo o silêncio presente.

Para toda roupa que borda, nos graus de sua maternidade, a primeira linha tem um parágrafo; se precisa, usa um fio de cabelo também, puxando-o bem lá do fundo da memória, para que não falte grandeza ao bordado, e para que a criança tenha um dia, um nome para vestir. Quando precisa, desce ao seu forno, ultrapassando a boca, degrau por degrau, para conferir o tempo dentro de si e certificar de que o barro queime sem macular a forma, a vida e, sobretudo, a indefesa verdade que ali está guardada. Em todas as fases pré-natais não há ao redor, a paisagem segue pelos espelhos, onde ela observa as mudanças no clima, algumas pequenas catástrofes que se acumulam, entre outros acontecimentos, cujo epicentro

motivador está sempre por volta do seu estômago. Parece que ser mãe é estar assim tão cheia de palavras que, enquanto não te estouram, te enchem de fome e leite.

Nesta constante espera dela, uma linha apenas: para se equilibrar, escrever, desenhar, tecer, etc.

Picamalácia¹ + Bulimia

Um passo importante para ela é fagocitar os objetos de fora, como que não bastando olhar ou tocar, é preciso também assimilá-los, metabolizando-os em certo nível, preservando ao máximo sua estrutura original, mas em busca de um ponto sensível, neste em que se torna possível a interação: do corpo dela com o objeto eleito. É, sobretudo também, a busca de uma relação que pode ser simbiótica, mas também parasita. A conexão pode se dar em escala material, ou seja, pelas similitudes que existem entre as cores, as texturas e as formas do objeto e do corpo,

¹ Desejo que acomete algumas gestantes de querer comer coisas fora do comum, desde um alimento mais exótico a pedaço de tijolo, por exemplo.

mas também é desejável que ocorra em escala etimológica, semiótica, tipográfica, etc.

Instintivamente e conceitualmente, ela traz o objeto para dentro de si, numa curiosidade gustativa quase infantil, e assim com algum esforço, sente que deste modo ela também pode visitar o interior de cada objeto deglutido. Não havendo carbono, ela compartilha de algum outro elemento de natureza inorgânica. Ela experimenta a possibilidade de encostar-se, no que há de vivo no objeto, e por sua vez, ela reparte da sua vida com o objeto. Mas também, neste caso, há de provar da outra verdade que poderá estar inscrita em ambos, não menos bela e poderosa, a morte.

Após muitas transformações ocorridas, possibilitadas pelas diversas combinações que se estabeleceram na conversa do corpo dela com o objeto, ela, por fim, escolhe a de maior efeito e põe aos poucos, de volta, pela boca, pelas mãos, etc., a nova criatura ansiosa por sair.

Desequilíbrio hormonal

Como outros sentidos, a sua boca, munida ou não do paladar, é mais uma ferramenta que a liga ao mundo. Esta boca da qual ela fala, está a princípio, contida na cabeça, mas vai além, inclusive bem distante do que seria o seu corpo. Esta boca é muitas coisas, ela equivale ao buraco, à cova, a caverna, a saída/entrada, a prisão, etc. várias naturezas, possíveis ou não de bocas, lhe cabem à própria boca, inclusive ela acredita, o animal que camufla por detrás de uma civilidade amplamente higiênica, o animal que se insinua vez e outra quando algum sentimento lhe invoca.

Essa mulher encontra-se muitas vezes sentada á uma cadeira, uma cadeira vazia, dessas simples de madeira, com quatro pernas e dois encostos. E este vazio que a reproduz tem a matéria similar a da letra e da ideia.

Havia perto da cadeira um novelo enorme de linha, que pulsava como artérias em volta do osso dela. Daí, rabiscos confusos vieram entre letra e desenho; eram pedaços de histórias que pensam estar vivas; a figura humanoide, que insiste como um personagem, vagando vazada, um desejo

que não sabe bem onde está sua vítima, isso tudo talvez porque a origem da linha era uma só, ela pensou. Cada história que vinha, queria ocupar o mínimo de espaço, mas cada uma também seja na cabeça, no estômago ou na boca, faz da sua presença um pequeno e incontrolável caos, e ficam por aí, queimando por dentro do que ocupam.

Enquanto está na cadeira, ela deixa sua carne ser o papel e deixa a linha tecer seu passo; as formas vão surgindo, parte por parte, umas partes respiram, outras não, mas tudo finge uma vida intensa, às vezes ela também respira.

Caixa

Subitamente, no cansaço da mastigação, a boca pensou. Fez isso sem que o restante do corpo desse conta, fez sem ordem de qualquer hierarquia, foi algo que em sua violência pareceu um soluço, tão rápido que não mereceu atenção das outras partes, mesmo por ali, nas regiões da cabeça.

Aos poucos, após o primeiro pensamento, ela começou a entender a diferença entre o que era comida e o que era a palavra, e qual era o sentido, mais ou menos normal, que ambas deveriam seguir por dentro ao passarem por ela. E nos momentos de dificuldades, esse conhecimento lhe foi útil para que mantivesse um controle considerável e também evitando um tráfego intenso destas coisas sobre si. Munida de delicadeza, um dia a boca se abriu e viu uma caixa de hambúrguer, daí foi possuída por um sabor que variava entre doce e salgado, vinha do soro do sangue da carne bovina, mais tarde ela descobriu.

A experiência a inundou de um prazer absurdo, e a boca irradiou aos olhos essa sensação, lá em cima, surpresos, os olhos voltaram-se para cima, fixando os dois uma altura que parecia inalcançável.

Quando a fome veio mais tarde e ela foi percebendo a impossibilidade de qualquer hambúrguer, juntou tudo o que tinha ao redor, elaborando sua própria caixa da delícia predileta.

Quanto ao resto do corpo, que já notara os avanços da boca, temeu risco de rebelião, inclusive se ela desse conta de que havia outras projeções dela do lado de fora do corpo, também de que a boca pudesse resgatar sua

origem comum com os buracos, as cavernas, as covas e agora iluminada pelas ideias, quisesse ir além da prisão em que até agora tinha vivido. Essa parte do corpo, dita alta hierarquia, também temia que ao invés de simples canal de palavras e sentimentos, a boca passasse a desenvolver-se no sentido de controlar totalmente o fluxo destas entidades, cujo equilíbrio era a garantia de um corpo seguro.

A espinha do corpo, num átimo, fora trespassada por forte descarga elétrica, quando a possibilidade dela investir numa incursão para dentro foi considerada, já que isso a levaria entender de vez a sua extensão de fato.

E assim, a alta hierarquia em toda sua extensão, ia sofrendo a cada cálculo que resolvia relacionado à nova situação do corpo.

A boca faminta, por sua vez, ignorava que o desejo pela estrutura da caixa, guardava um perigo de estagnação, o tempo de confinada a fez identificar a felicidade nesta conformação impregnada por símbolo da opressão tão similar ao lugar que ela ali se mantinha.

O silêncio era alto e aguçou uma curiosidade nela. Ela já sabia da passagem que a garganta volta e meia controlava, também sabia que qualquer alimento estimulava a abertura, mas pela primeira vez resolveu

investigar o que se preservava além daquela escuridão. Esperou que um tanto de água viesse e ao ver a entrada ultrapassou aquele limite imaginando por que nunca o fez antes. Não estranhou de todo o esôfago, chegando ao estômago o choque foi incontrolável, pois de fato estes eram os primeiros passos que ela dava, completando também um movimento mais largo e solto, rumo àquilo que era seu meio ambiente. Ela soube que pertencia àquilo tudo, e que tentaram lhe negar, fazendo-a acreditar que merecia a vida se fosse boa funcionária. Neste ponto, a boca determinou um emudecimento como produto de sua revolta, e trancou todas as palavras do corpo consigo, segurando o máximo que podia, enquanto atravessava a fronteira do intestino grosso com delgado. O corpo, lá de cima, monitorava-a sem o que fazer, pois sabia que agora ela assumia de vez o seu sistema completamente, e que uma medida mal tomada por sua parte, poderia trazer um colapso sem precedentes para o conjunto anatômico. Por outro lado, ela apresentava sinais de uma desarticulação desmedida, trazendo uma deformação que extrapolava as possibilidades do corpo e que, caso perdurasse, perdendo o controle, era também bastante nociva à integridade física do mesmo.

Apocalipticamente, anuncjava-se o acordar das capacidades ancestrais que estavam adormecidas há milênios na infraestrutura do corpo. E isto vinha como promessa de atrapalhar as convicções da alta hierarquia de mantê-lo apenas com funções psicofisiológicas que aproximavam o corpo de um autômato.

Se fora movida a princípio por uma ingenuidade, agora a boca era uma ameaça, desde que se viu como porta-voz de uma remodelagem na comunicação entre os sistemas, estimulando um trabalho que feria mortalmente os protocolos que eram desempenhados até o momento. Foi construída a caixa de hambúrguer, mas aquela fome não fora saciada, de fato aumentara, e ela não assumira totalmente o controle no fluxo das palavras e nem dos sentimentos.

O corpo estava mais selvagem, o que possibilitou mais carne para a boca, porém o corpo também estava maior, ampliado por dentro e para fora de si.

Durante os êxtases agora, os olhos não só miravam os céus, mais subiam e lá desapareciam.

Um câmbio ilimitado ocorreu entre as palavras e o corpo, isso devido às novas constituições proposta e assimiladas pelo conjunto anatômico, e por isso acontecia

de algumas palavras, as palavras certas, assumirem a compleição de um individuo, num mimetismo inquestionável, ou o do corpo de desfazer-se, decrescendo em frases, palavras, sílabas, fonema e a parte elementar, a letra, e recompor-se em quantos anagramas possíveis, experimentando outras realidades, recuperando uma memória maior do que do organismo que sempre tinha sido. E neste estado de satisfação febril, em pleno avanço para além de si, a boca sentiu-se como se fosse outra boca, deixando-lhe escapar o seguinte:
A verdade será convulsiva ou não será.²

Fome: fonte

Tudo estava quieto ao redor do monstro, de modo que um mapa confeccionado, precisamente a cerca do lugar, neste exato instante, teria sem dúvida descrita junto as já conhecidas litosfera e atmosfera, uma silênciosfera, dada a densidade e abrangência do fator silêncio.

² Apropriação feita a partir da frase: A beleza será convulsiva ou não será, de André Breton do livro *Amor Louco*.

Só, enquanto seguia em busca de comida, a criatura acariciava maternalmente sua barriga, como se a falta de alimento lá dentro exigisse tal gesto nesta situação, garantindo assim satisfação ao estômago.

A saliva começava a lhe queimar a boca e a frente era quase tudo branco e distante. Informe, o monstro lançava pseudopedes³, cuidando sempre do vazio que lhe crescia no ventre.

À medida que ele aproximava de algo mais sólido notara que cada passo seu nesta direção, acionava o desaparecimento de uma parte do alvo, e quando enfim ele aí chega à coisa, revelava sua inexistência absoluta. Isso vinha acontecendo sempre.

Esta fome insuportável ia gradativamente dando certa identidade à indefinição anatômica do monstro, talvez um arredondado, calculava o quanto podia ele de sua condição animal.

Abandonado, ele quis descansar, pondo para dentro da boca uma das patas, e sem ensaio, abriu várias perfurações pontuais na pele, que rapidamente se uniram numa fenda

³ Projeção temporária da parede celular de alguns protozoários, como a ameba, que permite a captação de alimentos e a locomoção.

quase retilínea, cujo conteúdo arrancado, suspendeu preso entre os seus dentes.

O gosto sobrepôs o sofrimento, porém mesmo assim algo foi liberado da boca do monstro, algo que invadiu a silênciosfera, prometendo uma misteriosa tempestade.

Imóvel no chão, a criatura tinha reduzido em volume corpóreo e um brilho sequer restava em nenhum dos olhos dela.

A paisagem por sua vez convulsionava.

Pequenos abalos sísmicos vieram, trazendo do abissal, coisas que o monstro esquecera em vida ou que talvez nunca houvesse imaginado: como um rio.

Dadas às condições do lugar, a propagação do berro chegava e depositava-se em fissuras protegidas de luz, e de algumas dessas, passando certo tempo, uns vermezinhos suculentos saíam já curiosos do caos que se dava lá fora.

O barulho emitido pela besta ainda dispersava em convecção, o ar pulsava violentamente, demonstrando uma tendência de a qualquer instante preencher-se totalmente ao consumir o mínimo de vazio circulante, numa substancialidade monumental, como um abraço sufocante entre tudo que ali existe, numa única e maciça esfera.

Parte do som, a que alcançou maior altura, encontrou o lugar onde a silenciosfera concentrava-se, e por isso tinha em fartura aquilo lhe caracterizava a composição dela. Sendo justamente estes predicativos elementares que serviam nutritivamente para que o barulho recém-chegado reunisse então uma colônia bem servida. E assim no céu iam formando-se gigantes, metade nuvens, metade informações guardadas da lembrança do monstro. Um peso insuportável na silenciosfera, suspendendo-se sobre a paisagem e complementando nela a corrente transformação.

Acontecia aqui, algo que ultrapassava a imensa fome do monstro, eram anomalias que se desenvolviam por toda parte, de modo a providenciar a visibilidade de coisas que deveriam ser invisíveis em sua natureza. Coisas que foram reveladas a partir do instante em que a criatura deixou escapar um sopro vivo de si.

Metamorfo

Ele provou das próprias palavras e achando isso bom, manteve o máximo delas na caixa de sua boca, mais ou menos a quantidade de um Aurélio. Por um bom tempo, ficou assim como que experimentando o gosto dessa tempestade que fazia a saliva chover a ponto de querer arrebentar a carne do céu da boca, tamanho volume alcançado.

Entre si, as palavras iam se chocando, e isso gerava abalos tão intensos que irradiava para outras regiões abaixo do pescoço e penetravam tecidos a nível celular, rearranjando inclusive a estrutura do DNA.

Com a boca pouco a pouco mais cheia, ele sentia que na turbulência oral as palavras iam sofrendo fraturas silábicas ou fonéticas, gerando um ambiente de intensas combinações. Ele sabia que devia haver outra fonte ali no corpo que explicaria o aumento de fato delas, e enquanto buscava uma resposta ele ignorava as transformações físicas que o acúmulo de palavras acometia ao seu corpo.

Antes que a dúvida lhe desse sossego, ele percebera que todo esforço mental que vinha fazendo há certo

tempo, não produzia imagens, seus planos mais elaborados e mesmo quando buscou livremente imaginar algo, viu ele que agora lhe vinham um emaranhado de letras que de acordo com a ordem delas ele conseguia entender que aquilo representava, por exemplo, uma flor.

De uma condição úmida a boca dele foi se tornando cada vez mais seca e as palavras que lá não só persistiam em chegar, começavam também a se espalharem, contudo elas mostravam-se mais acomodadas, ajustadas, pensou ele satisfeito e pálido.

Ele esperou que uma pequena vertigem lhe abandonasse e foi tentando relaxar a musculatura que a partir da boca encontrava-se sobrecarregada, desde o inicio do exercício. Foi então que ele soube que seu corpo tinha sofrido uma transformação severa demais.

Sobretudo ficou claro que algumas palavras movidas por um desejo desconhecido estavam vindo do estômago, e por isso elas vinham se multiplicando mais na boca dele, evidenciando o primeiro imprevisto de sua experiência.

Ele continuou ali, quieto e produzindo palavras incessantemente. Parte de si regozijava-se do que havia acontecido, a outra parte não queria descansar até descobrir se o silêncio deveria ser tão intenso assim, sobre

todos os livros existentes ou só sobre o que ele agora tinha se tornado.

A pequena trindade

No alto da pia o verme chega.

Àquela hora da manhã ocorria tal iluminação natural que fazia da cozinha um fundo de caverna. O verme quase branco desaparecia no mármore limpo. Estava ali também um frango recém-saído do freezer e cujo degelo formava uma poça pequena que à beira do bojo cedia como um rio de avermelhado transparente que sumia lá no ralo.

Uma geladeira, uma estante, vasilha, calendário e outras banalidades moravam ali, vestindo cada qual uma parte a mais da cozinha.

Enquanto segue, às vezes o verme pára, vindo neste ritmo desde seu ninho: lá onde a carestia derramara a morte sobre o seus iguais. Ele até experimentou um pedaço dos irmãos, mas aquele gosto libertava nele algo raro, que veio surgindo exatamente de onde vinha sua fome.

Sim, o verme sentiu coisa inexplicável movendo num fluxo contínuo da boca para o estômago e deste para cabeça, alternadamente.

Foi assim, que ele chegara nesta casa então.

Primeiro foi à mãe que surgiu tão rápida que o verme mal pode percebê-la, a prova da presença da mulher na cozinha foi à água da torneira jorrando sobre o frango, a mulher a esta altura juntava na parte leste da casa, um pouco de lixo que restara do café. Ninguém, nem mesmo o verme, percebeu quando a ave mudara sozinha de posição.

Ao redor do verme girava uma corrente gasosa de alfazema desprendida da mulher, apesar do mal estar do álcool no perfume, o verme sentiu-se um pouco mais estranho, como se a fome aumentasse, de modo a extrapolar a região do seu ventre e começasse novamente a subir para a cabeça.

Quando o filho surge chegando à cozinha, avista quase que imediatamente o verme a poucos centímetros de conquistar o frango, este último que a esta altura, parecia aceitar o seu repouso de vida e esperava a lavagem de água quente.

O verme soube por toda a extensão de sua pele, do aumento de temperatura e do forte odor de leite, isso tudo vinha no hálito da criança ali ainda imóvel.

O menino por sua vez, não pode dizer, mas apontou o tracinho esbranquiçado que respirava a sua frente, lembrou que aquilo tinha a mesma cor da hóstia que mastigara mais cedo na missa.

A mãe ocupada com o tempo do macarrão na panela, apenas ensaiou uma resposta diante da sensação que teve ao gesto do filho.

Na altura da sobrecoxa, o verme vacilou ao ter de escolher entre encantos tão diversos que lhe castigavam os sentidos, cambaleava seu corpo na direção do menino e da mãe, ao mesmo tempo em que a comida suplicava sua atenção. Intimamente o frango planejou mais um movimento, fracassando.

A firmeza do mármore, a geladeira gorda e tudo mais ali foi tendo a ordem alterada à medida que o verme calculava a própria posição, mesmo o sol mais intenso neste instante não pode aplacar a noite que se antecipou nos olhinhos da criatura, então algo veio crescendo dentro dele, como se este fosse invadido, e agora tivesse na barriga a cozinha mobiliada e habitada.

Ficou ele um instante paralisado, experimentando uma queda insuportável por dentro, as vísceras projetavam uma a uma, a boca. A forma da morte lhe veio aos poucos, como uma mancha. E isto obrigou o verme a removê-la de sua cabeça, este esforço foi, sobretudo, o bastante para que surgissem diminutas estruturas luminosas naquele campo mental, os olhos do verme sem órbita buscavam primeiro em cima, como se em cima fosse dentro, era uma agonia inominável que se instaurava no seu minúsculo sistema nervoso, era de fato uma concepção, a concepção de um pensamento.

A mãe, de volta a pia, sentindo o menino assim tão perto quanto quieto, permitia-se a não abandonar completamente seu transe. Ela cortava uns tomates e mirava o calendário a todo o momento que se deixava absorver por alguma fantasia. O que fosse que ela guardava fora o suficiente para arrebata-la esta manhã no banco da igreja, fazendo-a surda aos momentos mais tocantes da pregação.

Feito em pedaços o frango verteu um sangue secreto, tão escasso, guardado entre o corpo que ia se perdendo e a memória que ele sentia cada vez mais fluída e acessível.

Após o pensamento pioneiro, mais tantos outros vinham alvejando o cérebro do verme, alucinado com esta novidade, o bicho pôs-se a babar, saltavam-lhe da pele semitransparente a turgidez de alguns vasos circulatórios devido à súbita hipertensão. Porém toda está devastaçāo interna, potencializava a comunicação do bicho com o corpo da cozinha, de algum modo desde que havia chegado aqui, não tinha se sentido tão próximo. No entanto, somara em sua confusão compreender do que enfim estava ele mais próximo.

A intuição da mulher tateava um evento que acontecia ali naquele lugar, nem tanto por que o menino permanecia imóvel encarando um horizonte que a pia poderia não conter, e nem por que ela tivesse notado qualquer ser intruso ameaçando a ordem da higiene local. O radar dela orbitava a esmo, operando em plena função, mas sem controle.

Em certos momentos o almoço desenvolvia distante do padrão feminino que a cozinha estava habituada.

Um gosto ácido de leite coalhado veio garganta acima e foi acentuando na boca do garoto. Ele imaginou que era um demoniozinho que estava preso a hóstia, pois seu tio lhe dissera um dia sobre a influência maldita dos dentes,

também falou que combinando mastigação com cuspe e certo líquido que tem na barriga, ocorria à conversão do corpo de Cristo num demônio parasita, que ia crescendo no ventre da pessoa, até adquirir poder para trocar as palavras na boca dela, chegando ao ponto em que ninguém acreditará no que a tal pessoa irá dizer e ela se calará para tentar conter o demônio. Mas esta veria que tudo feito seria em vão. Durante o pouco tempo em que o garoto ruminou essas passagens, ele quase se arrependeu da coragem que adquirira neste dia por ter enfim triturado com os próprios dentes a insossa hóstia.

O verme em seu sofrimento conseguia mesmo assim avaliar que havia algo na cor dos lábios do garoto, então se moveu na direção da criança, entendendo consigo que era preciso fazer algo ou dizer, e então estas coisas ficaram reverberando na cabeça do verme: fazer algo ou dizer...

A ave esquartejada, não teve dor alguma quando suas partes foram imersas na água escaldante, na verdade teve saudades das penas, inclusive das rêmiges⁴ e enquanto sua asa flutuava na bacia cheia, o frango experimentou o gozo próprio de um voo.

⁴ Cada uma das penas maiores das asas de uma ave.

Eis que o oxigênio lhe faltou e a mãe recobrou sua atual situação, puxando profundamente uma massa demorosa de ar, lembrou-se do filho atrás dela e, virando o pescoço, viu que o pequeno continuava quieto também de costas, assim ela seguiu viagem para a dimensão intermediária que se confinou ao fim desta manhã, desde o momento do louvor, quando todos fitavam a cúpula, ela já frequentava longe a paisagem que aprumava dentro de si, isolada lá como uma Eva que procura não sabe bem qual rosto. Sentia que os sentimentos a dividiam, e apesar do afeto que tinha pelo rosto familiar que a acompanhava, um desejo incrustado de curiosidade a levava a sair da praia em que caminhava e entrar na mata adjacente e ver a feição do outro. Partes da celebração chegavam nela, perturbando sua decisão, fazendo a areia movediça sobre seus pés e então, se conseguia, ela abria o os olhos de quando em quando certificando que seu filho ainda estava no banco ao seu lado.

Ideias vinham disputando os espaços vazios na mente do pequeno invertebrado, então ele estremeceu ao comparar-se com o garoto em tamanho, o medo o fez recuar apesar da simpatia crescente pela mesma figura. O mal estar ia cessando, o bicho foi entendendo pela

cabeça, mas o corpo demorava a suportar a nova condição. Porém não tardou muito a volta de um segundo tormento, que originara no peito agora e foi descendo, perfurando a carne do corpo do verme rumo ao estômago.

Vertigens e tremores surgiram para arrebatar novamente o verme, o menino do seu lado contorcia-se calado, com semelhantes sintomas e os dois ficaram secretamente felizes por isso.

Num estado automático, o menino moveu o braço em elevação, os olhos ainda pregados no bicho, as mãos estavam possuídas de um desejo cego que devagarzinho foi se depositando no dedo indicador, o verme estava na mira de algo cada vez mais próximo, o garoto aspirava o ar pela boca aberta enquanto dirigia aquela mão apontando ameaçadoramente. A mãe pairava sobre o molho e a ilha, amassando batatas e afastando-se cuidadosamente da beira da falésia. O toque chegou para lembrar o verme o que de selvagem sobrava nele, o garoto pressionou de leve o baixo ventre, empurrando o bicho que espantado se debateu violentamente, cheio de revolta e dúvidas. Sobretudo o toque trouxe outras coisas que mais tarde tornaram-se mais compreensíveis. O dedo era composto de dureza aveludada que emanava calor.

Enquanto o padre esteve dizendo nesta manhã, o menino distraiu-se, planejando um pequeno futuro diferente deste: em que se ocupava de um ser estranho, que a esta altura ainda ele não entendia. As sensações extremas variavam do inexplicável nojo á uma intensa atração recheada de curiosidade. O menino quis matar o verme espremendo-o, mas massageava ele com cuidado maternal. Noutro instante teve vontade de levar o bicho à boca para comê-lo, contudo foi tomado de um crescente respeito pela criatura.

Havia na cozinha algo de barroco que sustentava o clima e isto aproximava os personagens, como se o lugar fosse um corpo, que para viver precisou esperar até este exato momento, pois ali estavam combinados os três, cada qual um órgão primordial, cada qual realizando sua tarefa de dar um fôlego silencioso à cozinha.

Festa interior

Em sua consideração de jantar, a mesa procurava organizar consigo o que realmente viria a ser necessário, quando o corpo era o prato principal. Correu sobre seu

horizonte amadeirado, imagens de muitos corpos importante, inteiros ou despedaçados, uns mais e outros menos explícitos em definição humana. Em sua ousadia a mesa considerava que sua especialidade estava a cerca da boca e o aparelho digestivo. Entre os motivos do jantar sublinhado pela mesa, subsistia outro grande motivo, o que se referia à vida, e no caso dela, atualmente apresentando os floemas⁵ secos, e passados alguns séculos penumbrosos em fundos de bares e restaurantes, o contato físico com tantos corpos fermentou nela uma sensibilidade cada dia mais pungente e depois foram os assuntos que lhe foram infiltrando os espaços vazios e gerando uma corrente de incentivo que paulatinamente a deixava menos morta e mais seduzida por aquelas estruturas que então a invocara.

Era uma vez um homem que estava bravo com sua esposa, ele a cortou em pedaços pequenos, fez um guisado com ela.

Então ele telefonou a seus amigos e os convidou para uma festa de guisado.

⁵ É como é chamado o principal tecido do caule das plantas, encarregado da distribuição da seiva elaborada.

Então todos vieram e passaram muito bem. (BOURGEOIS, 1999, p.)⁶

Entre outros, este era um dos fragmentos responsáveis para este projeto de jantar, um projeto nebuloso que estava de acordo com os limites alcançados na batalha existencial da mesa.

De sua posição, a mesa não só aprendeu a decodificar as mensagens presente no calor de uma mão em sua base ou de uma discussão de pessoas entre suas extremidades, mas também podia perceber as vibrações emitidas por alguém que sofre a espera desde os primeiros minutos de atraso do outro.

Meia colher de açúcar impalpável, duas pimentas do reino, desossar a... E uma lista enorme relampejava no espírito da mesa, causando uma ínfima vibração refratada pelo lenho que subiu para ser dissolvida no conteúdo leitoso da garrafa que se encontrava num cume da mesa.

O jantar era a expressão da inteligência granulada de muito sentimento, a mesa estava confusa se oferecia o prato ou a poesia. No caso de servir silêncio, por exemplo,

⁶ Texto referente à figura 7 do trabalho *Ele Despareceu no Completo Silêncio* de Louise Bourgeois.

que não fosse qualquer um, mas o devido silêncio líquido de alguém que espera ou do silêncio que evapora de um cadáver; como um tipo de segredo que avoluma em digna substância, impõe-se em cor, como bem fez Giotto di Bondone em *A inveja*. A mesa queria aquilo, mostrar também a coisa escondida, o imaterial reprimido do corpo que desemboca pela boca. Se isso fosse algum ingrediente, e era pra mesa, em certo nível o jantar já ia se preparando então.

Às vezes ela sabia que tudo isso consistia unicamente no produto de uma vontade que lhe era própria, outrora era coisa que ela acreditava estar por assim dizer contaminada pelas vontades daqueles corpos que ali lhe visitavam, nisso ela estava confusa, de qual era o lugar exato em que morava sua obstinação.

Mas isso no momento não importava tanto, já que nesta altura de sua preocupação, ela investigava alguma resposta nas imagens de os Desastres da guerra. As gravuras de Goya ganharam campo sobre as impressões da mesa, evocando nela desde um considerável horror e uma excitação depravada, até chegar ao que ela mais tarde identificou como um gênero de fome. Parte dela via coisa própria de alimento em todos aqueles corpos

esquartejados, uma parte sua até que saboreava o sofrimento dos olhos e das bocas contorcidas. Como se ela abandonasse sua selvageria vegetal da antiga situação, em troca da selvageria do animal, fitando nas gravuras um tipo de retrato, de espelho. Sobre isto, a mesa sublinhara mais um elemento que convinha ao jantar: o sacrifício.

Mas nenhuma destas observações qualificavam uma decisão sobre como a mesa resolveria o jantar, pois novamente voltava aquele dilema envolvido no caso: servir o corpo em qual âmbito de sua dimensão?

Já que ele se manifestava de tantas maneiras e cada uma delas afetava a mesa incomensuravelmente, das vísceras até os vícios, passando pelos interstícios aos gestos e seguindo a espiral do labirinto, desaparecendo enfim nalgum berro.

Na insistência de investigadora beata, a mesa meditou exaustivamente para que alcançasse o termo que enfim decifrasse aquele emaranhado de ideias, sensações, imagens, palavras. Devido a tanto esforço, aqui e ali foram surgindo fissuras que doíam como boas chagas que abatiam o insuspeito vigor, com que a mesa até então se sustentava.

Não demorou até ela dar-se conta de que a revelação esperada já era uma visita a muito presente, na verdade mais do que isso.

A mesa sentia um espírito acomodando-se dentro do corpo dela e mentalmente riscou aquele último ingrediente que o seu jantar exigia.

Bibliografia:

BATAILLE, Georges; LEIRIS, Michel; BARTHES, Roland; CORTÁZAR, Julio. **História do olho.** São Paulo: CosacNaify, 2003.
135 p

BATAILLE, Georges. **Las lagrimas de Eros.** Barcelona: Tusquets, 1981. 251 p.

MORAES, Eliane Robert; Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo. **O corpo impossível:** a decomposição da figura humana: de Lautréamont a Bataille. São Paulo: PAPESP: Iluminuras, 2002, 239p.

BOURGEOIS, Louise; BERNADAC, Marie-Laure; OBRIST, Hans-Ulrich. **Louise Bourgeois:** destruição do pai reconstrução do pai : escritos e entrevistas 1923-97. São Paulo: Cosac & Naify, 2000 384 p.

JEUDY, Henri Pierre. **O corpo como objeto de arte.** 2.ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2002. 181 p.

HAMSUN, Knut; ANDRADE, Carlos Drummond de; NETTUN, Rolf N. **Fome.** Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1971. 247p

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G. H.:** romance. 15. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1991. 183p.

LEONILSON, José; MESQUITA, Ivo. **Leonilson:** use, e lindo, eu garanto. São Paulo: Cosac & Naify, 1997. 239p.

<http://www.infopedia.pt/>